

O *habitus* na produção acadêmica latino-americana: foco no português, espanhol e inglês

Cláudio França, Kyria Finardi, Reninni Taquini,
and Felipe Guimarães

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Resumo / Abstract

Este capítulo discute implicações do uso de línguas na produção acadêmica latino-americana, focando no papel do espanhol, do português e do inglês como línguas nacionais, regionais e internacionais. O referencial teórico usado para discutir o papel dessas línguas na produção científica latino-americana inclui a teoria dos capitais simbólicos e os conceitos de campo e habitus de Bourdieu em diálogo com perspectivas de matriz ibero-americana focando nos conceitos de linhas abissais e ecologia de saberes. Esse referencial é usado para discutir a (in)visibilidade da produção científica latino-americana em relação às linhas abissais e à (im)possibilidade de um ecossistema de comunicação científica que refletia uma ecologia de línguas e saberes. Dados de dois estudos bibliométricos são trazidos para ancorar e ilustrar a discussão com base nesse referencial. Concluímos que o habitus dos pesquisadores latino-americanos em relação às línguas usadas (e invisibilizadas) em sua produção acadêmica reflete um campo marcado por tensões e trocas associadas a objetivos opostos: dialogar e obter reconhecimento global e/ou manter visibilidade e relevância local. Essas tensões, por sua vez, são representadas na divisão de linhas abissais, permeadas pelos capitais simbólicos atrelados a certas línguas e saberes.

This chapter discusses the implications of language use in Latin American academic production, focusing on the roles of Spanish, Portuguese, and English as national, regional, and/or international languages. The theoretical framework used to discuss the role of languages in Latin American academic

production includes Bourdieusian theory of symbolic capital. More specifically, the concepts of field and habitus are used in dialogue with Ibero-American perspectives that focus on the concepts of abyssal lines and the ecologies of knowledge. This framework is used to discuss the (in)visibility of Latin American scientific production concerning abyssal lines and the (im)possibility of an ecosystem of academic communication that reflects a robust ecology of languages and knowledges. Data from two bibliometric studies are presented to ground the discussion based on this framework. We conclude that the habitus of Latin American researchers regarding the languages used (and rendered invisible) in their academic production reflects a field marked by tensions and exchanges associated with opposing objectives: engaging in dialogue and seeking global recognition versus maintaining local visibility and relevance. These tensions, in turn, are represented in the division of abyssal lines, permeated by symbolic capitals linked to certain languages and knowledges.

Palavras-chave / Keywords: produção acadêmica; América Latina; línguas; teoria do capital simbólico; decolonialidade / scientific production; Latin America; languages; theory of symbolic capital; decoloniality

Introdução

Este capítulo discute implicações do uso de línguas na produção acadêmica latino-americana, focando no papel do espanhol, do português e do inglês como línguas nacionais, regionais e internacionais, de acordo com o *status* de cada uma delas em determinada região da América Latina (e.g., Céspedes, 2021; Finardi et al., 2022b; Guzmán-Valenzuela & Gómez, 2019). O referencial teórico usado para discutir a produção científica latino-americana inclui a teoria dos capitais simbólicos (Bourdieu, 2013) e os conceitos de campo e habitus (Bourdieu, 1988), em diálogo com perspectivas de matriz ibero-americana, com foco nos conceitos de linhas abissais e de ecologia de saberes (Santos, 2007).

Essas lentes teóricas são usadas para discutir a (in)visibilidade da produção científica latino-americana em relação às linhas abissais e à (im)possibilidade de um ecossistema de comunicação científica que reflete uma ecologia de línguas e saberes. Dados de dois estudos bibliométricos (Finardi et al., 2022a, 2023) são trazidos para ancorar e ilustrar a discussão, com base no referencial teórico escolhido para o presente estudo.

Teoria dos Capitais Simbólicos

A teoria dos capitais simbólicos de Bourdieu é usada neste capítulo para explicar questões de poder que determinam, permeiam e/ou interagem nas disputas por valores ou capitais econômicos, sociais ou culturais. Essas lutas por poder/capitais simbólicos, por sua vez, estão por trás da busca pelo prestígio e promoção, que subjazem a reprodução de valores e bens numa determinada sociedade.

No campo da produção científica, o capital simbólico pode ser interpretado como a possibilidade de aquisição de prestígio e de autoridade científica junto a uma determinada comunidade acadêmica ou campo científico “no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência” (Bourdieu, 2004, p. 20).

Esse campo é um espaço de tensões onde pesquisadores lutam por poder, entendido aqui como autoridade científica revestida de diferentes formas, dentre as quais citamos, por exemplo: impacto científico, visibilidade, autoridade, exclusividade e *status*. Podemos comparar o campo científico a um jogo, no qual o melhor “jogador” é aquele com maior capacidade de se adaptar e se antecipar às regras do jogo. Nesse sentido, o conhecimento das regras representa condição essencial para “ganhar o jogo” ou, no campo acadêmico, para obter maior reconhecimento e autoridade científica.

Essa capacidade, tácita ou incorporada, resultante da trajetória social, acadêmica e profissional do jogador (neste caso, o pesquisador) é o que Bourdieu denomina de habitus ou “sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, quer dizer, um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado” (Loyola, 2002, p. 68). O habitus forma e (ao mesmo tempo) é formado pelas estruturas e agentes do campo (Monteiro, 2019).

O capital científico é amplamente disputado pelos agentes do campo e, neste espaço, “toda escolha científica é uma estratégia política de investimento dirigida para a maximização de lucro científico, isto é, reconhecimento dos pares-competidores” (Hochman, 1994, p. 210). No campo, podemos observar a “estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes” (Bourdieu, 1983, p. 126).

Dentre as relações simbólicas destacadas por Bourdieu, a língua, que é fruto de um intrincado processo histórico e, portanto, não isento de conflitos, tem seu uso regulado e legitimado pelos habitus e pelos agentes no campo, assumindo importância estratégica na busca por maximização dos lucros e do capital simbólico que, no caso da língua, traduz-se no capital linguístico (Bourdieu, 1991).

Atualmente, a lógica do capital linguístico no campo das produções acadêmicas confere maior prestígio às produções redigidas em inglês.

Para além do valor ou capital simbólico atrelado às produções acadêmicas em língua inglesa, é claro que há também uma questão objetiva, instrumental ou pragmática, por assim dizer, por trás da escolha dessa língua como principal veículo de produção/comunicação/disseminação científica. Não há como negar que o ideal de uma ciência sem fronteiras, que possa dialogar com pesquisas em diversos pontos do planeta, é um dos motivos que subjaz a escolha de uma língua franca acadêmica. Atualmente, essa língua é o inglês, mas esse papel já coube a outras línguas ao longo da história da ciência moderna e da humanidade (Ammon, 2011; De Swaan, 2013; Gordin, 2015).

Apesar da ressalva feita acima, neste ensaio optamos por adotar a visão de capital simbólico/linguístico de Bourdieu para focar em questões ideológicas que permeiam a escolha (ou imposição) de determinadas línguas para a produção/comunicação/disseminação acadêmica. Para tanto, voltamos à metáfora do jogo (produção acadêmica) e do jogador (pesquisador) para analisar como se dá a escolha do jogo, dos troféus e das medalhas (e.g., Finardi, 2022), das regras e dos árbitros do jogo no ‘campo’ da produção acadêmica latino-americana analisando os três “times” principais nesse contexto, o inglês, o espanhol e o português.

Lembramos que nesse campo, o jogador—seja ele o pesquisador, a universidade ou o periódico—cujo habitus não siga as regras do atual modo de produção do conhecimento que confere visibilidade e prestígio às publicações em inglês, se verá na difícil situação de buscar visibilidade global às custas de manter relevância localmente (Guzmán-Valenzuela & Gomez, 2019; Finardi & Guzmán-Valenzuela, 2021). Da mesma forma, a publicação em línguas locais/nacionais para garantir a relevância local de uma produção científica geralmente é recompensada/paga com “perdas” na visibilidade internacional. As políticas linguísticas e de produção do conhecimento que acabam cedendo ao monolingüismo do inglês promovem a hierarquização no sistema global das línguas, categorizadas em supercentrais, centrais, periféricas e semiperiféricas, à semelhança do que ocorre na Teoria do Sistema-Mundo de Wallerstein (De Swaan, 2013), na qual apenas o inglês tem status de língua hipercentral.

Logicamente que essa hierarquização não é arbitrária e nem apenas ideológica. Como reconhecemos na ressalva colocada aqui anteriormente, há questões práticas e de acesso à ciência que permeiam a escolha do inglês como a principal língua franca acadêmica atualmente (Jenkins, 2013). Entretanto, e conforme sinalizado acima, neste ensaio vamos nos concentrar nas questões ideológicas que permeiam e reforçam a escolha do inglês (uma língua

estrangeira) como principal língua de produção acadêmica na América Latina, quando na região tanto o espanhol quanto o português, línguas locais e “poderosas” internacionalmente, poderiam competir com o inglês. Para tanto e no que segue, fazemos um breve apanhado de alguns conceitos que podem nos ajudar a entender a questão ideológica por trás desse panorama linguístico/acadêmico encontrado na região.

Língua Internacional: Conceito, Domínio e o Caso do Inglês

Uma língua internacional é definida principalmente por sua função e uso global, mais do que por seu vínculo com uma nação específica. Trata-se de uma língua utilizada por pessoas de diferentes países para se comunicarem com falantes de outras línguas, que não são necessariamente falantes nativos da própria língua internacional. Nessa visão, a língua internacional refere-se também àquela usada em contextos multilíngues onde a interação ocorre frequentemente entre falantes não-nativos dessa língua (McKay, 2002; Mott-Fernandez & Fogaça, 2009; Smith, 1976).

O inglês, na conjuntura atual, detém um status singular por ser a língua mais falada no mundo, tanto por nativos quanto por não nativos, o que leva a reconhecê-la como uma língua que não pertence mais a um povo específico, mas sim a todos que a utilizam. Sharifian (2010) entende o Inglês como Língua Internacional (ILI) não como uma variedade particular, mas sim em função de seu potencial de comunicação internacional, especialmente no contato com falantes de outras línguas maternas.

Um panorama que foi muito citado na literatura da época e que evidencia a dimensão assumida por uma língua internacional foi proposto por Kachru (1985), ao analisar a hegemonia do inglês. O autor organizou os países em três círculos concêntricos: o *inner circle*, que compreende nações onde o inglês é a língua materna, como Estados Unidos, Reino Unido e Austrália; o *outer circle*, formado por países que utilizam o inglês como segunda língua em contextos multilíngues, como Singapura, Índia e Filipinas; e o *expanding circle*, que abrange os países nos quais o inglês é amplamente ensinado como língua estrangeira, a exemplo do Brasil, China e Japão (Kachru, 1985; Mott-Fernandez & Fogaça, 2009).

A expansão do inglês como língua internacional além do *inner circle* ocorreu, em grande parte, devido ao processo de colonização (Graddol, 1997) e ao valor simbólico (Q-Value segundo De Swaan), atrelado a essa língua (De Swaan, 2013) monstrando que a escolha do inglês transcende a ideia de neutralidade, estando, na realidade, sujeita a questões geopolíticas e influências e tensões locais e globais entre as línguas.

No caso do ensino do ILI no Brasil, Finardi (2014), por exemplo, comenta que, em virtude do valor simbólico e do potencial desse idioma para ampliar o acesso à informação e à educação, a oferta de ensino de ILI com qualidade nas escolas públicas deveria ser obrigatória e garantida, para diminuir o “fosso social” entre os que podem pagar para aprender inglês em cursos particulares e os que não podem.

Perspectivas Decoloniais

Desde o ponto de vista das línguas e perspectivas decoloniais de matriz ibero-americanas, podemos analisar a posição das línguas em relação às linhas abissais que dividem o mundo entre aquilo que é visível, conhecido, válido, prestigiado e desejado (com alto capital simbólico, no vocabulário de Bourdieu ou Q-Value para De Swaan), e aquilo que não é (Santos, 2007). Considerando a estreita relação que as línguas têm com o processo de internacionalização do ensino superior (Finardi & França, 2016; Finardi et al., 2016), podemos analisar a (in)visibilidade e (in)validação de conhecimentos produzidos nas relações de colonialidade e nas línguas presentes (ou ausentes) nesse processo, refletidas na produção do conhecimento na América Latina (Chiappa & Finardi, 2021; Finardi & Guzmán-Valenzuela, 2021; Guzmán-Valenzuela & Gómez, 2019; Leal & Oregioni, 2019; Leal et al., 2020).

Para tanto, lançamos mão de dois conceitos para ajudar a embasar nossa discussão em relação ao papel das línguas no campo e no habitus acadêmico, quais sejam, (1) o pensamento abissal e (2) a ecologia de saberes em relação às línguas usadas (ou não) na produção acadêmica e no processo de internacionalização (e visibilização) do ensino superior na América Latina.

Santos (2007) entende o pensamento abissal como dividindo o que é visto e almejado por um lado; e o que é obscuro, inválido do outro. Nesse jogo de luz e sombra, os validadores das línguas de centro, em especial o inglês, invisibilizam a produção científica da periferia, no que Santos (2019) define como “epistemicídio” dos conhecimentos produzidos (em outras línguas) do outro lado da linha abissal, nas sociedades coloniais.

O problema desse epistemicídio é que ele não permite uma ecologia de saberes (e nós acrescentamos, de línguas) no campo simbólico e no ecossistema da produção científica mundial, como pretendemos demonstrar na discussão e na ilustração do papel das línguas na produção acadêmica latino-americana.

Voltando à teoria dos capitais e fazendo um paralelo com perspectivas decoloniais, podemos ver o campo acadêmico e o habitus do pesquisador buscando alcançar mérito, visibilidade e ganho de capital (simbólico ou não). Para tanto, busca-se a “luz,” ainda que para isso seja necessário relegar às

“sombras” grande parte do conhecimento produzido em outros idiomas (e não por acaso) do outro lado das linhas abissais.

A fim de ilustrar esse campo/jogo de luz e sombra, com regras nas quais um determinado habitus proporciona mais chances de lucro/ganho de capital simbólico do outro lado das linhas abissais, no que segue trazemos dados de dois estudos bibliométricos que se debruçaram na produção acadêmica latino-americana em relação às línguas usadas nessa produção.

Evidências Bibliométricas

Com o objetivo de analisar a (in)visibilidade da produção acadêmica latino-americana bem como sua internacionalização e a possibilidade de uma ecologia de saberes e línguas, Finardi, França e Guimarães (2022a) utilizaram técnicas bibliométricas para levantar e analisar um *corpus* de 2.939 artigos latino-americanos, obtidos por meio da plataforma Scopus no período entre 2010 e 2019, com os descriptores “higher education,” “university education” e “internationalization” (ou “internationalisation”). Entre outros aspectos, o estudo analisou a evolução quantitativa de publicações por ano e por país; a escolha dos periódicos e títulos citados; as colaborações entre autores; e as línguas utilizadas nessas produções.

Em relação às parcerias entendidas como coautoriais internacionais, o estudo mostrou que elas têm uma herança colonial e são majoritariamente realizadas com autores de países do norte global, como Portugal, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra. No caso das produções brasileiras, o país com o qual o Brasil mais colaborou foi Portugal. Podemos entender essa parceria em virtude da língua comum entre os dois países, mas considerando que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é formada por nove estados-membros, argumentamos que o fato do Brasil buscar parcerias com Portugal e não com os outros sete estados-membros da CPLP representa o favorecimento de um país em detrimento de outros, nas parcerias acadêmicas.¹

Retomando a consideração sobre as questões pragmáticas envolvidas na escolha de uma língua específica e/ou parceria, é evidente que a opção por Portugal em detrimento de outras possibilidades de cooperação na língua portuguesa também se justifica pela quantidade e tradição das universidades portuguesas em comparação com as da CPLP. Portugal possui uma tradição universitária mais sólida e um número maior de instituições, além de, enquanto membro da comunidade europeia, proporcionar uma visibilidade mais ampla para parcerias e produções acadêmicas, bem como financiamento

1 Mais informações em: <https://www.cplp.org/>.

para pesquisa. Além das considerações práticas já mencionadas e reconhecidas aqui, que influenciam a escolha de idiomas e países para a produção e colaboração científica, voltamos nossa atenção para a questão ideológica subjacente a essas decisões.

A CPLP cobre uma vasta região no globo, sendo mais de 10.742.000 km² ou 7,2% do território do planeta, espalhado em quatro continentes—Europa, América, África e Ásia—sendo a maior parte situada no hemisfério sul. Assim, desde um ponto de vista ideológico de distribuição, representação e equidade não se justificaria a parceria quase exclusiva com o único país da CPLP localizado no hemisfério norte (Portugal), a menos que se considere o habitus dos pesquisadores brasileiros.

Ao analisarmos outras colaborações com países latino-americanos hispano-falantes, ainda segundo Finardi, França e Guimarães (2022a), observa-se a replicação de um padrão de colaboração que se orienta para o norte global, com destaque para a Espanha e os Estados Unidos como os principais parceiros externos dos pesquisadores da região. No caso da Espanha, a proximidade linguística pode ser apontada como justificativa, embora os dados também sugiram uma busca por maior visibilidade internacional, associada aos centros de produção científica do norte—como é o caso também dos Estados Unidos. Ao analisarem a colaboração interna, expressa na coautoria intrarregional (entre países latino-americanos), os dados de Finardi, França e Guimarães (2022a) evidenciaram essa busca pelo norte, já que a colaboração entre autores latino-americanos e de outras regiões do sul foi muito pequena (e significativamente menor) do que a colaboração entre autores latino-americanos e seus “Hermanos” ou “primos” do norte.

Os dados de Finardi, França e Guimarães (2022a) confirmam a liderança do Brasil nesse campo/jogo, despontando como o país latino-americano que mais publicou durante o período investigado (2010–2019), sendo responsável por 1.167 artigos (39,7%), seguido pelo México (540), Chile (458), Colômbia (318), Argentina (154) e outros (302). Entretanto, uma ressalva se faz importante neste ponto. De acordo com Céspedes (2021), em levantamento realizado nas bases de dados Web of Science e Scopus, enquanto se observe a liderança do Brasil na produção científica latino-americana, não há uma equivalência entre a liderança do Brasil na produção científica e as publicações em português, significativamente menores dos que as publicações em espanhol ou inglês.

De forma complementar, o estudo demonstrou que, em ocorrendo a opção pela publicação multilíngue de um artigo, isto é, em duas ou mais línguas, há a tendência em associar o espanhol ou português ao inglês, com a combinação entre português e espanhol significativamente menor (Céspedes, 2021).

Voltando a Finardi, França e Guimarães (2022a) e corroborando resultados de Céspedes (2021) em relação a esses três idiomas, o espanhol foi a língua usada na maior parte das publicações (1.167), seguido do inglês (1.012), português (740), francês (19) e alemão (1). Esses dados podem se relacionar à predominância do espanhol na América Latina em contexto local (em nível *meso*), ao mesmo tempo em que o inglês tem uma importância global (em nível *macro*). Os periódicos nos quais os artigos foram publicados são majoritariamente de origem latino-americana, principalmente do Brasil, México, Chile, Cuba, Venezuela, além de Estados Unidos.

Direcionando a análise para os periódicos, integrantes do corpus da pesquisa, e que receberam o maior número global de citações, observa-se o seguinte cenário: seis periódicos são de origem europeia (três dos Países Baixos; e três da Inglaterra), três da América Latina (dois do México; e um do Brasil) e um dos Estados Unidos. Ainda assim, apesar da maior incidência de países localizados no norte global (7), a análise dos autores mais citados feita em Finardi, França e Guimarães (2022a) mostrou que há um certo equilíbrio em relação à localização dos autores mais citados, já que metade é do norte global e a outra é do sul global.

Finardi, França e Guimarães (2022a) concluem sugerindo uma revisão das regras do jogo no campo da produção científica para que a produção acadêmica latino-americana tenha mais visibilidade global, promovendo uma ecologia de conhecimentos e línguas na produção científica mundial. Essa mudança de habitus incluindo jogadores, árbitros e times locais (espanhol/ português) visa contribuir também para uma produção científica mais plural e emancipatória.

Em um estudo semelhante, Finardi et al. (2023) levantaram e analisaram um corpus na base *Scopus*, com publicações de autores vinculados a instituições localizadas na América Latina, no período entre 2011 a 2020. Técnicas bibliométricas também foram usadas nesse estudo, para analisar os 117 artigos selecionados, focando principalmente em duas dimensões, quais sejam, a editorial e a epistemológica. A dimensão editorial se relaciona com a produção anual por país, assim como as línguas e periódicos mais prevalentes. Já a dimensão epistemológica se relaciona com os autores mais citados, a coocorrência de palavras e a colaboração entre autores.

A análise de Finardi et al. (2023) focou na produção anual por país, nos periódicos e nas línguas usadas nas publicações, nos principais autores e nas referências mais citadas, além da colaboração entendida como a coautoria entre eles. Foram utilizados os descriptores “higher education” OR “tertiary education” OR “university education” AND “internationalization” OR “internationalisation.” Dos artigos selecionados, 71 foram publicados sobre a

internacionalização do ensino superior, ligados a autores de países latino-americanos, o que sugere que os estudos sobre internacionalização ainda estão despontando e que o tema não é um conceito “saturado,” à medida que novas pesquisas continuam a ser publicadas analisando o fenômeno da internacionalização da educação superior.

No que tange às línguas, o inglês foi a língua predominante em 54 publicações (46,1%), seguido do português (29%) e do espanhol (20,1%), corroborando e indo na mesma direção de resultados de Céspedes (2021) e Finardi, França e Guimarães (2022a). A fim de explicar esses dados, os autores sugerem que o habitus dos autores latino-americanos visa se moldar aos parâmetros e às regras do jogo ditadas pelo norte global e que tem o inglês como o idioma do jogo, quando se trata da visibilidade internacional.

Dentre os periódicos com o maior número de artigos publicados, seis são latino-americanos e quatro são dos Estados Unidos e Inglaterra (países do norte global). Em relação à temática de “internacionalização do ensino superior,” a maioria dos autores citados são do norte global com apenas alguns autores latino-americanos (brasileiros) citados.

Em relação à coautoria internacional, vemos ainda que o habitus dos pesquisadores latino-americanos é de olhar para o norte, tendo Portugal e Espanha como os principais parceiros, em virtude do idioma desses países. Entretanto, Finardi et al. (2023) trazem um dado que representa uma ponta de esperança na ampliação das relações sul-sul. Trata-se da parceria entre Argentina e Brasil, a única parceria intrarregional identificada no *corpus*.

Considerando esses resultados, os autores supracitados concluem que, apesar da predominância e grande influência de países do norte global na produção e disseminação do conhecimento em nível mundial, os dados permitem vislumbrar, ainda que de forma incipiente, certo reconhecimento e visibilidade da ciência originada na América Latina. A cooperação Sul-Sul, porém, não é tão constante, evidência igualmente observada em outros estudos, como os de Leal e Moraes (2018) e Teferra et al. (2022).

Discussão

Diante do referencial teórico e evidências bibliométricas trazidas neste capítulo, há que se refletir no grande desafio colocado diante dos pesquisadores latino-americanos em face do cenário global de produção acadêmica. De um lado, tais pesquisadores tentam buscar visibilidade e divulgação de suas pesquisas entre seus pares na região, usando línguas locais como o português e o espanhol, mas acabam não atingindo um público mais amplo e global por meio da publicação em inglês. Por outro lado, quando optam

por publicar em inglês, acabam não alcançando aqueles que desconhecem esse idioma, como é o caso de boa parte da população brasileira e de outros povos latino-americanos.² Cabe olhar a situação da proficiência de brasileiros em língua estrangeira, conforme discutido por Windle e Nogueira (2015).

Há que se pensar também no público-alvo das produções acadêmicas e na escolha do idioma de publicação, pois publicar sobre um tema que diz respeito principalmente ao contexto latino-americano (e suas especificidades) em um idioma que “circula” pouco na região (se comparado a outros idiomas), como o russo, árabe ou mandarim pode demandar um “esforço” (intelectual, financeiro, etc.) do pesquisador e não ter o “retorno” esperado—ainda que alguns falantes desses idiomas eventualmente possam se interessar por textos produzidos com temáticas latino-americanas. Além disso, existem temáticas e áreas do conhecimento que possuem seu vocabulário específico, expresso em determinada língua e que muitas vezes não é traduzido para outros idiomas, como é o caso de conceitos como *Laissez-faire* (ao tratar de liberalismo), *Zeitgeist* (no campo da filosofia) ou *Schadenfreude* (nos estudos sobre comportamento), entre outros.

Em situações assim, podemos identificar a influência do capital simbólico como possibilidade de alcançar prestígio em meio à comunidade acadêmica. E aqui podemos falar de “comunidades” e “campos,” no plural, já que o autor-pesquisador pode buscar por visibilidade em diversos níveis, quer sejam locais, regionais, nacionais ou globais. Conforme indicado no início deste capítulo, trata-se de um campo de disputas por relevância, impacto e autoridade. Um “jogo” no qual é fundamental se conhecer bem as regras para se tornar o melhor “jogador,” evitando as “punições” e “sanções” previstas no jogo para poder receber o reconhecimento dos pares e concorrentes.

Nisso, o “jogador-pesquisador” acaba por desenvolver um habitus cultivado ao longo de seu percurso acadêmico, ou seja, um conjunto de conhecimentos práticos que o permite pensar e agir com mais “desenvoltura” no meio acadêmico, conjunto esse que acaba atuando como uma estratégia para maximizar seu reconhecimento entre seus pares e concorrentes, minimizando possíveis “perdas” e “fracassos” no jogo acadêmico.

Nesse contexto, as atuais métricas de produção acadêmica, muitas delas utilizadas em rankings universitários internacionais (por exemplo, Finardi & Guimarães, 2017), acabam por estimular a reprodução dessa postura competitiva (em alguns casos, colaborativa), entre “jogadores-pesquisadores,” na

² Mais informações em: <https://www.terra.com.br/noticias/95-da-populacao-brasileira-nao-fala-ingles,9f848f68ed451de99742216570b7ccf9gc7gj8du.html>

busca cada vez maior por reconhecimento e visibilidade, visto que tal reconhecimento pode ser decisivo em questões como a progressão na carreira acadêmica e a obtenção de recursos para pesquisa, por exemplo.

Dessa forma, o presente estudo buscou propor reflexões para que essa competição “desenfreada” por reconhecimento no campo da produção acadêmica não acabe criando um *habitus* pouco saudável, reproduzindo relações assimétricas e prejudicando a diversidade linguística e epistemológica, em especial no contexto latino-americano—competição essa que é evidenciada pelas escolhas que pesquisadores fazem em relação a determinados idiomas de publicação e na escolha de parceiros acadêmicos de determinadas regiões, conforme discutido anteriormente.

Dante desse desafio, propomos analisar em que medida políticas linguísticas (PLs) que incentivem a produção acadêmica em idiomas além do inglês poderiam contribuir para que pesquisadores desenvolvam um *habitus* mais multilíngue, propiciando uma ecologia de línguas e saberes na produção científica mundial.

Em especial na área de humanidades onde o fator sociocultural é importante para compreensão de fenômenos particulares, algo que, por vezes, tem pouca relevância nas ciências naturais, onde o inglês atua como idioma predominantemente franco, facilitado pela linguagem universal, próprio do discurso técnico e objetivo desse domínio do conhecimento (Ortiz, 2009).

Uma proposição nessa área de PLs mais plurais e democráticas foi apresentada por Guimarães (2020), que incluiu seis dimensões nas quais universidades e pesquisadores poderiam atuar na escolha de idiomas que auxiliassem seus processos de internacionalização e produção acadêmica. Tal proposição partiu de documentos como o do GT (Grupo de Trabalho) da Faubai (Associação Brasileira de Educação Internacional) sobre políticas linguísticas, elaborado em 2017, além de trabalhos como Finardi e Csillagh (2016), buscando expandir e refinar as definições contidas nesses documentos, de modo a melhor atender ao cenário das universidades brasileiras.

Tais dimensões incluem (1) línguas de admissão—usadas na seleção de estudantes para ingresso nas universidades; (2) ensino de línguas—ensinadas na universidade para fins gerais e acadêmicos; (3) línguas de instrução—adotadas pelos professores para “entregar” conteúdos acadêmicos diversos; (4) línguas de pesquisa—usadas em publicações e eventos científicos e no desenvolvimento de pesquisas conjuntas, com parceiros nacionais e estrangeiros; (5) línguas de administração—usadas pela universidade para comunicação com sua comunidade interna, de locais e/ou estrangeiros; (6) línguas de comunicação externa—usadas para comunicação com parceiros e entidades externas à universidade, nacionais ou internacionais.

Essas dimensões também envolvem aspectos como: crenças e práticas relativas às línguas usadas nas universidades; aspectos legais e agentes do ensino superior; objetivos das PLs e seus efeitos esperados no contexto universitário; usos das línguas no ensino superior e seus usuários; forma e função das políticas linguísticas; seleção e implementação das políticas nas universidades.

Destacamos aqui a Dimensão 4 (línguas de pesquisa), pois se trata de um aspecto sobre o qual as universidades poderiam promover mais discussões com suas comunidades acadêmicas locais, a fim de identificar necessidades internas e pressões globais que favorecem determinadas línguas em detrimento de outras no campo da produção acadêmica. Tais discussões contribuem para mapear as línguas mais utilizadas em determinadas áreas do conhecimento (e.g., ciências da saúde) e em temas específicos de pesquisa (e.g., saúde da mulher latino-americana), de modo a auxiliar na definição de PLs e atividades institucionais que apoiem a ampliação da visibilidade das pesquisas desenvolvidas na universidade, em diversos níveis: local, nacional, regional, global etc. Alguns estudos que abordam essa temática incluem os trabalhos de Finardi e França (2016) e Alcadipani (2017).

Com a definição dessas PLs voltadas especificamente para atividades de pesquisa, os acadêmicos poderiam se beneficiar de um maior apoio institucional, inclusive na obtenção de recursos ou oportunidades para aprendizagem de línguas para fins acadêmicos, capacitação para redação acadêmica em outras línguas, preparo linguístico para apresentações em congressos/conferências, entre outras possibilidades. Com esse maior apoio e incentivo institucional, é possível (quem sabe) que mais pesquisadores se sintam estimulados a adotar diferentes línguas (e habitus) em suas produções acadêmicas (e campos).

Conclusão

Este estudo teve como objetivo discutir o uso de línguas na produção acadêmica latino-americana, com foco no espanhol, português e inglês, enquanto línguas nacionais, regionais e internacionais na América Latina.

O referencial teórico incluiu autores como Bourdieu e sua teoria dos capitais simbólicos, além de conceitos como campo e habitus. Também foram incluídos perspectivas e conceitos sobre “linhas abissais” e “ecologia de saberes,” propostos por Santos. Tal referencial foi usado para discutir a produção latino-americana em relação a um “ecossistema” de comunicação científica que pudesse refletir uma ecologia de línguas e saberes. Além disso, dados de dois estudos bibliométricos (Finardi et al. 2022a, 2023) foram trazidos para apoiar a discussão dos temas tratados neste capítulo.

Concluímos que o habitus de pesquisadores latino-americanos em relação às línguas usadas na sua produção acadêmica acaba refletindo um campo marcado pelas tensões para obter visibilidade/relevância, tanto global quanto local. Tais tensões tendem a ser intensificadas por capitais simbólicos, atrelados a certas línguas e saberes mais “favorecidos” na circulação global da produção acadêmica.

Dante desse “jogo” de forças que rege a produção acadêmica global (favorecendo algumas línguas e regiões em detrimento de outras), propomos então a formulação de políticas e ações que favoreçam práticas linguísticas e acadêmicas mais plurais e democráticas, com potencial de ressaltar a multiplicidade de saberes produzidos em distintas partes e línguas do globo. Proposições para PLs mais multilíngues e democráticas são necessárias e, nesse sentido, estudos como o de Guimarães (2020) representam um passo importante para mudar o habitus e o campo da produção acadêmica, com a possibilidade de promover diferentes pontos de vista e idiomas na academia.

Referências

- Alcadipani, R. (2017). Periódicos brasileiros em inglês: A mímica do publish or perish “global”. *Revista de Administração de Empresas*, 57, 405-411.
- Ammon, U. (2011). *The dominance of English as a language of science: Effects on other languages and language communities*. Walter de Gruyter.
- Bourdieu, P. (1983). O campo científico. In R. Ortiz (Ed.), *Pierre Bourdieu: Sociologia* (pp. 122-155). Ática.
- Bourdieu, P. (1988). *Homo academicus*. Stanford University Press.
- Bourdieu, P. (1991). *Language and symbolic power*. Havard University Press.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. UNESP.
- Bourdieu, P. (2013). Capital simbólico e classes sociais. *Novos estudos CEBRAP*, 96, 105-115. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>
- Céspedes, L. (2021). Latin American journals and hegemonic languages for academic publishing in Scopus and Web of Science. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 60(1), 141-154. <https://doi.org/10.1590/010318138901311520201214>
- Chiappa, R., & Finardi, K. R. (2021). Coloniality prints in internationalization of higher education: The case of Brazilian and Chilean international scholarships. *Scholarship of Teaching and Learning in the South*, 5(1), 25-45. <https://doi.org/10.36615/sotls.v5i1.168>
- De Swaan, A. (2013). *Words of the world: The global language system*. John Wiley & Sons.
- Finardi, K. R. (2014). The slaughter of Kachru’s five sacred cows in Brazil: Affordances of the use of English as an international language. *Studies in English language teaching*, 2(4), 401-411. <https://doi.org/10.22158/selt.v2n4p401>

- Finardi, K. R. (2022). As línguas e rankings no Oscar da internacionalização das produções científicas latino-americanas. *Estudos Linguísticos*, 51(1), 147-161. <https://doi.org/10.21165/el.v5i1.3180>
- Finardi, K. R., Santos, J. M., & Guimarães, F. (2016). A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: Evidências da coordenação de letramento internacional de uma universidade federal. *Interfaces Brasil/Canadá*, 16(1), 233-255.
- Finardi, K. R., & Csillagh, V. (2016). Globalization and linguistic diversity in Switzerland: Insights from the roles of national languages and English as a foreign language. In S. Gruzca, M. Olpinska-Szkielko, & P. Romanowski (Eds.), *Advances in understanding multilingualism* (pp. 41-56). Peter Lang.
- Finardi, K. R., & França, C. (2016). O inglês na internacionalização da produção científica brasileira: Evidências da subárea de linguagem e linguística. *Revista Intersecções*, 9(19), 234-250. <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1284>
- Finardi, K. R., & Guimarães, F. F. (2017). Internacionalización, rankings y publicaciones en Inglés: La situación de Brasil en la actualidad. *Estudos em Avaliação Educacional*, 28(68), 600-626. <https://doi.org/10.18222/eaee.v28i68.4564>
- Finardi, K. R., & Guzmán-Valenzuela, C. (2021). Pensando a internacionalização do ensino superior na América Latina a partir de evidências da produção científica do Brasil e do Chile. In J. Wassem, E. M. A. Pereira, & E. B. Ferreira (Eds.), *Novos e velhos desafios da internacionalização da educação superior na contemporaneidade* (pp. 179-193). Annablume.
- Finardi, K. R., França, C., & Guimarães, F. F. (2022a). Ecology of knowledges and languages in Latin American academic production. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 30(116), 764-787. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362022003003538>
- Finardi, K. R., França, C., & Guimarães, F. F. (2023). Knowledge production on internationalization of higher education in the global south: Latin America in focus. *Diálogos Latinoamericanos*, 32, 1-19. <https://doi.org/10.7146/dl.v32i1.127278>
- Finardi, K. R., Mendes, A. R. M., & Silva, K. A. (2022b). Tensões e direções das internacionalizações no Brasil: Entre competição e solidariedade. *Education Policy Analysis Archives*, 30, 58-58. <https://doi.org/10.14507/epaa.30.6823>
- Gordin, M. D. (2015). *Scientific Babel: How science was done before and after global English*. University of Chicago Press.
- Graddol, D. (1997). Global English, global culture?. In *Redesigning English* (pp. 193-246). Routledge.
- Guimarães, F. F. (2020). *Internacionalização e multilinguismo: Uma proposta de política linguística para universidades federais* [tese de doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. <https://linguistica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEL/detalhes-da-tese?id=14427>
- Guzmán-Valenzuela, C., & Gómez, C. (2019). Advancing a knowledge ecology: Changing patterns of higher education studies in Latin America. *Higher Education*, 77(1), 115-133. <https://doi.org/10.1007/s10734-018-0264-z>

- Hochman, G. (1994). A ciência entre a comunidade e o mercado: Leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In V. Portocarrero (Org.), *Filosofia, história e sociologia das ciências I: Abordagens contemporâneas* (pp. 199-231). Editora Fiocruz. <https://doi.org/10.7476/9788575414095>
- Jenkins, J. (2013). *English as a lingua franca in the international university: The politics of academic English language policy*. Routledge.
- Kachru, B. B. (1985). Standards, codification and sociolinguistic realism: The English language in the outer circle. In R. Quirk & H. G. Widdowson (Eds.), *English in the world*. Cambridge.
- Leal, F. G., & Moraes, M. C. B. (2018). Decolonialidade como epistemologia para o campo teórico da internacionalização da educação superior. *Education Policy Analysis Archives*, 26, 87-87. <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3026>
- Leal, F. G., & Oregoni, M. S. (2019). Aportes para analizar la internacionalización de la educación superior desde Latinoamérica: Un enfoque crítico, reflexivo y decolonial. *Revista Internacional de Educação Superior*, 5, e019036-e019036. <https://doi.org/10.20396/riesup.v5i0.8653635>
- Leal, F., Moraes, M. C. B., & Oregoni, M. S. (2020). Questionando o discurso e a prática de internacionalização da educação superior predominantes na América Latina. *Education Policy Analysis Archives*, 28, 132-132. <https://doi.org/10.14507/epaa.28.3904>
- Loyola, M. A. (2002). Bourdieu e a sociologia. In P. Bourdieu (Ed.), *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. EdUERJ.
- McKay, S. L. (2002). Teaching English as an international language: Rethinking goals and perspectives. Oxford University Press.
- Monteiro, J. M. (2019). *10 lições sobre Bourdieu*. Vozes.
- Mott-Fernandez, C., & Fogaça, F. C. (2009). Inglês como língua internacional na universidade. *Revista Linguagem & Ensino*, 12(1), 195-225. <https://doi.org/10.15210/rle.v12i1.15707>
- Ortiz, R. (2009). *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Siglo XXI Editores.
- Santos, B. de S. (2007). Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, 79, 71-94. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>
- Santos, B. de S. (2019). *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Autêntica.
- Sharifian, F. (2010). English as an international language: An overview. In F. Sharifian (Ed.), *English as an international language: Perspectives and pedagogical issues* (pp. 1-20). Multilingual Matters.
- Smith, L. E. (1976). English as an international auxiliary language. *RELC journal*, 7(2), 38-42. <https://doi.org/10.1177/003368827600700205>
- Teferra, D., Sirat, M., & Beneitone, P. (2022). The Imperatives of Academic Collaboration in Africa, Asia and Latin America. *International Journal of African Higher Education*, 9(3), 13-35. <https://doi.org/10.6017/ijahe.v9i3.16035>
- Windle, J., & Nogueira, M. A. (2015). The role of internationalisation in the schooling of Brazilian elites: Distinctions between two class fractions. In J. Kaneway & A. Koh (Eds.), *New Sociologies of Elite Schooling* (pp. 174-192). Routledge.